

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

**Martin André** direcção musical  
**Daniela Schillaci** soprano  
**Angelos Samartzis** tenor

15 Jan 2021 · 19:30 Sala Suggia

AVANTI ITALIA!  
ABERTURA OFICIAL ANO ITÁLIA



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Martin André sobre o programa do concerto.  
[VIMEO.COM/500136885](https://vimeo.com/500136885)

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **Giuseppe Verdi**

Abertura da ópera *A Força do Destino* (1868-69)

“Quando le sere al placido” (Rodolfo), da ópera *Luisa Miller* (1859)

Bailado do Acto III da ópera *Macbeth* (1864-65)

“Se quel guerrier io fossi!... Celeste Aida” (Radamès),  
da ópera *Aida* (1870-71)

“Ecco l'orrido campo... Ma dall'arido stelo divulsa” (Amelia),  
da ópera *Um Baile de Máscaras* (1859)

“Teco io sto. Gran Dio!” (dueto de Amelia e Riccardo),  
da ópera *Um Baile de Máscaras* (1859)

## **Giacomo Puccini**

Intermezzo do Acto III da ópera *Manon Lescaut* (1893)

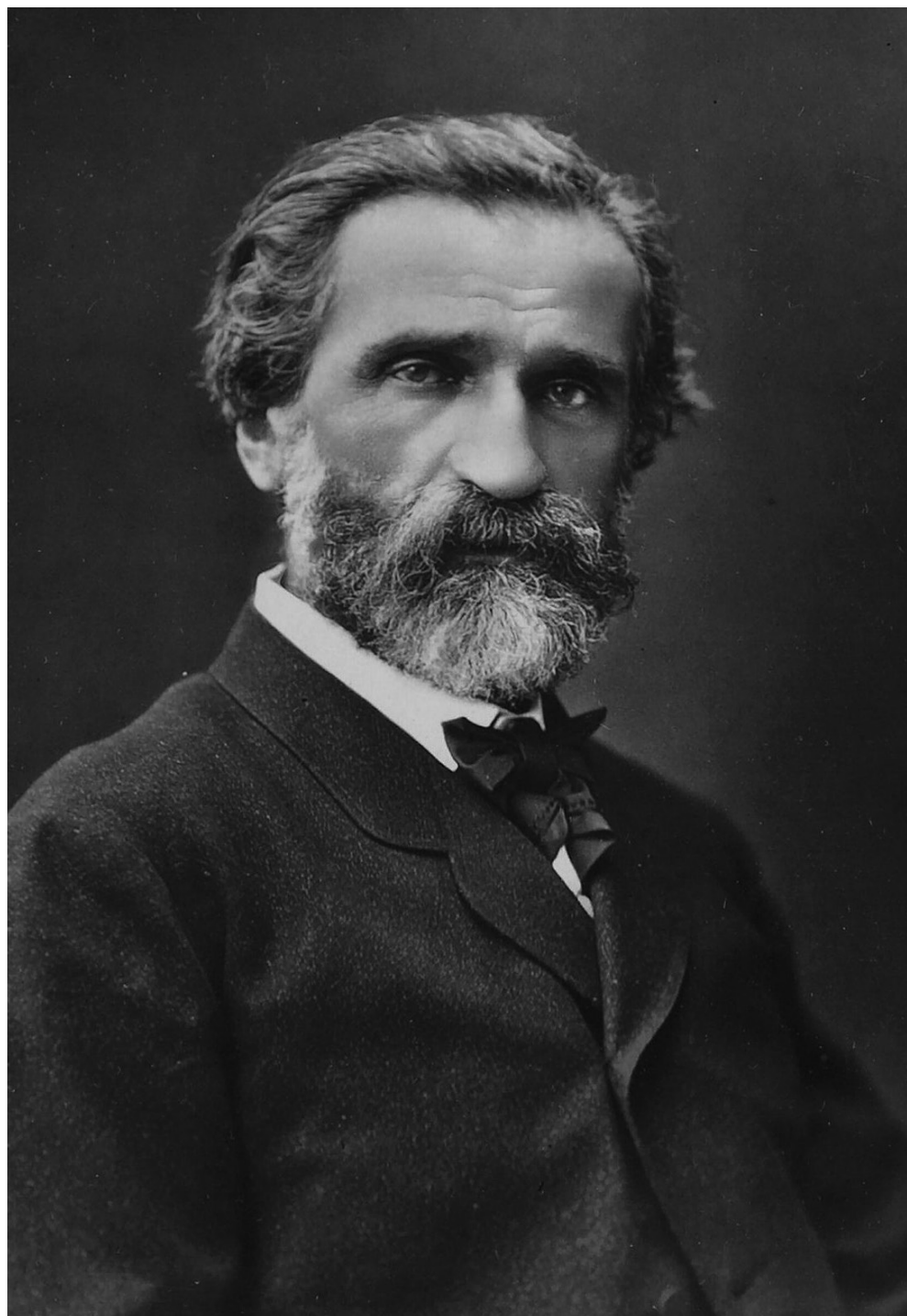
“In questa reggia” (Turandot), da ópera *Turandot* (1926)

“E lucevan le stelle” (Cavaradossi), da ópera *Tosca* (1895-99)

“Mario! Mario! Mario!” (dueto de Tosca e Cavaradossi),  
da ópera *Tosca* (1895-99)

Concerto sem intervalo.

Textos originais e traduções nas páginas 8 a 19.



## Giuseppe Verdi

RONCOLE (PARMA), 10 DE OUTUBRO DE 1813

MILÃO, 27 DE JANEIRO DE 1901

### Abertura da ópera *A Força do Destino*

Após o lançamento de *Un ballo in maschera* (1859), Verdi recebeu a encomenda de uma nova ópera para o Teatro Imperial de S. Petersburgo. A nova obra, *La forza del destino*, com libreto de Francesco Maria Piave, tomava como base um drama espanhol de Ángel Saavedra, *Don Álvaro o la fuerza del sino* (1835), incluindo ainda uma cena adaptada de *Wallensteins Lager*, de Schiller. Após a estreia, a 10 de Novembro de 1862, Verdi faria uma série de revisões e a ópera chegou a ser novamente estreada no ano seguinte, em Roma, com o título *Don Alvaro*. Mas depois de apresentações em várias capitais europeias, o compositor faria revisões ainda mais profundas, incluindo no libreto (por Antonio Ghislanzoni), e foi esta última versão, estreada no La Scala, em Milão, a 27 de Fevereiro de 1869, que se estabeleceu no repertório operático. Entre as alterações mais significativas contava-se, no lugar de um modesto prelúdio, uma nova abertura em grande escala, que encontrou também o seu lugar no repertório de concerto. Antevendo os momentos principais da trama, esta inicia-se numa atmosfera sinistra, e o agitado “tema do destino” surge ou em pleno destaque, ou como uma ameaçadora sombra lançada sobre melodias associadas a diferentes personagens.

### Ária da ópera *Luisa Miller*

A ópera *Luisa Miller* foi composta em 1849, sobre libreto de Salvatore Cammarano baseado na peça *Kabale und Liebe* (“Intriga e amor”), de Friedrich von Schiller — dramaturgo

alemão que, a par de Shakespeare, se encontrava entre as preferências literárias de Verdi. A sua estreia teve lugar em Nápoles, a 8 de Dezembro desse ano. Surgida numa época em que o compositor tinha já alcançado reconhecimento público, esta obra — a sua 15.ª ópera — é geralmente considerada um ponto de viragem na sua produção, marcando a transição entre uma primeira fase estilística e os desenvolvimentos que se fariam notar a partir do início da década de 1850. O argumento consiste numa história de amor infeliz, traição e vingança — Luisa apaixona-se pelo filho de um conde poderoso e o par amoroso tem de enfrentar uma série de circunstâncias, mas não consegue vencer a intriga a tempo —, um enredo dramático e emocionante que fornece a Verdi mais um pretexto para demonstrar o seu lirismo requintado e o seu domínio da orquestração. Perto do final do Acto II, Rodolfo recebe uma carta de Luisa em que ela nega os seus sentimentos. Recordando os momentos felizes que passaram juntos, Rodolfo canta a ária “Quando le sere al placido”, reconhecida como uma das pérolas do repertório de tenor.

### Bailado do Acto III da ópera *Macbeth*

Depois do sucesso obtido com *Attila*, em 1846, Verdi dedicou-se àquela que seria a sua primeira adaptação operática de uma peça de Shakespeare. *Macbeth*, ópera em quatro actos com libreto de Francesco Maria Piave (e adições de Andrea Maffei) sobre a peça com o mesmo título, seria estreada no Teatro della Pergola, em Florença, a 14 de Março de 1847. Apesar de conter várias características inusuais no quadro da tradição italiana da época, a obra obteve uma recepção bastante positiva, que a lançou no circuito operático internacional. Anos mais tarde, em 1864, o compositor

recebia do Théâtre Lyrique, de Paris, um pedido de música adicional tendo em vista uma nova produção dessa ópera, numa versão francesa. Apetrechado com uma linguagem musical mais amadurecida, renovou em vários pontos a partitura original, já de si marcada por uma subtilidade expressiva e emocional sem precedentes. Esta nova versão foi apresentada a 19 de Abril de 1865, e ainda no Outono desse ano seria interpretada também em italiano, no La Scala. Se, na época, esta versão revista em italiano não se impôs, a partir da sua recuperação, na década de 1960, tem sido a preferida pelos teatros de ópera. Entre várias outras alterações mais ou menos substanciais, foi acrescentado um bailado — bem ao gosto parisiense — no início do Acto III. Num primeiro momento (*Allegro vivacissimo*), as bruxas dançam em torno do caldeirão, e depois de uma secção bastante cromática (*Andante*), que coloca em destaque Hecate no papel de mimo, a valsa agitada regressa. Trata-se de um excerto instrumental que testemunha o domínio que o compositor tinha de uma ampla gama de cores orquestrais.

### Ária da ópera *Aida*

Perto do final do século XIX, as recentes descobertas arqueológicas nas terras do Nilo alimentavam por toda a Europa uma verdadeira egiptomania, fascínio que, em termos musicais, encontrou o seu ponto máximo na *Aida*. Em 1869, Ismael Pasha, vice-rei do Egipto, dirigia a Verdi a encomenda de uma ópera para a abertura do Teatro Real do Cairo, prevista para a altura das festividades de inauguração do Canal de Suez. No entanto, o compositor não entregaria a obra no prazo previsto e a sua estreia ocorreria apenas a 24 de Dezembro de 1871, sob a direcção de Giovanni Bottesini. Os primeiros esboços textuais e pictóricos

foram feitos por Camille du Locle, com o apoio do arqueólogo Edouard Mariette, que possivelmente se terá baseado num libretto pouco conhecido de Metastasio (o mestre da *opera seria* do século XVIII), e o libretto final seria escrito por Antonio Ghislanzoni, sob influência do próprio Verdi. Ambientada no Antigo Egipto, esta é uma história intemporal de amor e traição em tempo de guerra. Radamès, general do exército egípcio, foi escolhido para liderar um ataque ao inimigo, e espera com essa vitória conquistar Aida, a princesa etíope escravizada como criada da princesa egípcia Amneris. No final, o ciúme de Amneris resultará na morte de ambos os amantes. A ária “Se quel guerrier io fossi!... Celeste Aida” tem lugar pouco após o início do Acto I, quando Radamès, prestes a partir para a guerra, sonha em regressar vitorioso para a sua amada.

### Ária e Dueto da ópera *Um Baile de Máscaras*

A génese da ópera *Un ballo in maschera* foi um processo difícil. Para cumprir o contrato com o Teatro San Carlos, de Nápoles, Verdi optou inicialmente pela história do assassinato do rei Gustavo III da Suécia, ocorrido em 1792 (o monarca foi baleado durante um baile de máscaras, na sequência de uma conspiração política). No entanto, os entraves colocados pelos censores — não era aceitável apresentar um regicídio em palco — conduziram a sucessivas alterações. Entretanto, rompido aquele acordo e levada a proposta para o Teatro Apollo, de Roma, o argumento tomava a sua forma final: Verdi concordava em descartar a Europa como cenário, reolocando a acção na América do Norte, no século XVII, e a figura do rei Gustavo III dava lugar à de Riccardo, um fictício governador da

cidade de Boston. O libreto desta ópera em três actos, de Antonio Somma, foi baseado num libreto anterior de Eugène Scribe, escrito para a ópera em cinco actos *Gustave III, ou Le bal masqué* (1833), de Daniel Auber. E a estreia da obra, ocorrida em Roma a 17 de Fevereiro de 1859, foi um dos mais brilhantes sucessos da carreira de Verdi. (Na actualidade, é comum a opção recair sobre o argumento original.) A ária “Ecco l’orrido campo... Ma dall’arido stelo divulsa” tem lugar no início do Acto II, quando Amelia, vencendo os seus receios, se dirige sozinha, à meia-noite, para a praça da força localizada na periferia da cidade, para colher a erva mágica que a vidente Ulrica lhe havia recomendado como meio para se libertar do seu amor atormentado por Gustavo. Pouco depois, Amelia é surpreendida por Gustavo, que a seguiu com o propósito de se encontrar com ela. O dueto que então sucede, “Teco io sto. Gran Dio!”, em que confessam o seu amor mútuo, constitui não só um dos momentos mais arrebatadores da ópera como um dos duetos mais dramáticos de sempre.

## Giacomo Puccini

LUCCA, 22 DE DEZEMBRO DE 1858

BRUXELAS, 29 DE NOVEMBRO DE 1924

### ***Intermezzo do Acto III da ópera Manon Lescaut***

Puccini compôs *Manon Lescaut*, ópera em quatro actos, entre 1889 e 1892, sobre um libreto de Luigi Illica, Marco Praga e Domenico Oliva baseado na *Histoire du Chevalier des Grieux, et de Manon Lescaut* (1731) — um popular romance francês de Abbé Prévost que já tinha dado origem a óperas de Daniel Auber e Jules Massenet. Trata-se da história do cavaleiro Des Grieux e da sua amante Manon Lescaut, na França do século XVIII. Insatisfeita com o seu estilo de vida simples, Manon cede à tentação da riqueza e da luxúria, que acaba por levá-la (e ao seu amante Des Grieux) à deportação para Nova Orleães, onde terá um fim trágico. A ópera foi estreada no Teatro Regio de Turim, a 1 de Fevereiro de 1893, tendo sido não só um grande sucesso como também o êxito que estabeleceu o nome de Puccini no mundo operático. Localizado na abertura do Acto III, o *Intermezzo*, que é essencialmente um prelúdio, representa a viagem de Manon para o porto de Le Havre, após a sua captura ocorrida no final do Acto II. Des Grieux, vendo falhar todos os esforços para a libertar, segue-a para o porto, de onde ambos partirão para o exílio na colónia francesa. Com a sua atmosfera sombria, este momento instrumental introdutório preenche essa lacuna na acção e antecipa o terrível destino da protagonista.





## Ária da ópera *Turandot*

Terá sido após assistir a uma peça do dramaturgo italiano Carlo Grozzi que Puccini se deixou fascinar pela lenda da princesa Turandot. Conta esta história perturbadora que, há um milénio, vivia em Pequim essa figura despótica, frígida e neurótica, cujos pretendentes eram obrigados a responder a três enigmas para evitar a morte. Em 1920, Puccini começou a trabalhar na sua própria ópera sobre o tema, a partir de um libreto de Giuseppe Adami e Renato Simoni, produzindo uma espécie de testamento musical que congrega todos os elementos essenciais do seu estilo e levando ao extremo as possibilidades expressivas do seu melodismo, suportado por uma orquestração sumptuosa. Não obstante, o processo de composição seria difícil e inconstante, ao longo de três anos, e na verdade Puccini não viveria para terminar a obra, tarefa que foi empreendida postumamente por Franco Alfano e concretizada em 1926. Pouco após o início do Acto II, o imperador Altoum, pai de Turandot, insiste com o príncipe Calaf para que este retire a sua proposta, mas Calaf recusa-se. A princesa Turandot surge em cena — momento em que a música constrói de imediato a atmosfera gélida que caracteriza a severidade e a frieza quase psicopática da personagem — e tem então lugar a ária “In questa reggia”, em que a princesa conta como, naquele mesmo espaço, uma antepassada sua, derrotada pelo rei dos Tártaros, fora brutalmente violada e assassinada, razão pela qual ela própria jurou recusar casar-se. Com as suas tremendas exigências vocais, a ária atinge o clímax nos agudos que ilustram a palavra “grido” (“grito”), em que a personagem revive os últimos momentos da sua ancestral.

## Ária e Dueto da ópera *Tosca*

Baseada na peça *La Tosca* (1887) do dramaturgo francês Victorien Sardou, e contando com libreto em italiano de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa, a ópera em três actos *Tosca*, de Puccini, foi estreada no Teatro Costanzi de Roma, a 14 de Janeiro de 1900, após um longo processo de composição. Apesar da quase indiferença da crítica, alcançou êxito instantâneo junto do público. A acção tem lugar em Roma, num dia de Junho de 1800, numa época em que o controlo da cidade pelo Reino de Nápoles é colocado em risco pela invasão de Napoleão, e o enredo trágico foca-se essencialmente em três personagens: Floria Tosca, cantora lírica; o seu amante Mario Cavaradossi, pintor e republicano; e o barão Scarpia, um perverso chefe de polícia. Suspeitando que Cavaradossi auxilia em segredo um prisioneiro político foragido, Scarpia, que há muito deseja Tosca, manipula-a de modo a ver revelado o local do esconderijo e o envolvimento do pintor. Quando este é capturado, Tosca é confrontada com uma de duas saídas: ou se entrega ao sádico Scarpia, ou vê morrer o seu amante. A comovente ária “E lucevan le stelle”, de Cavaradossi, tem lugar no Acto III, no momento em que o protagonista, aguardando a sua execução aprisionado no Castel Sant’Angelo, é subjogado pela recordação nostálgica dos tempos passados com a sua amada. Já o dueto do Acto I surge ainda no início da história, quando Tosca, encontrando-se com Cavaradossi na igreja, o questiona sobre a mulher representada numa das suas pinturas. O pintor assegura-lhe então a sua fidelidade e, em linhas maravilhosamente líricas, pergunta-lhe que olhos poderiam ser mais bonitos do que os dela.

LUÍS M. SANTOS, 2021

## Giuseppe Verdi

### “Quando le sere al placido”

RODOLFO

*Quando le sere al placido  
chiator d'un ciel stellato  
meo figgea nell'eterelo  
sguardo innamorato,  
e questa mano stringer  
midalla sua man senita ...  
Ah! Mi tradita!  
Allor, ch'io muto, estatico  
da' labbri suoi pendea,  
ed ella in suon angelico,  
“amo te sol” dicea,  
tal che sembrò l'empiereo  
apirisi all'alma mia!  
Ah! Mi tradia!*

### “Se quel guerrier io fossi!... Celeste Aida”

RADAMÈS

*Se quel guerrier io fossi!  
Se il mio sogno s'avverasse!...  
Un esercito di prodi da me guidato...  
E la vittoria... e il plauso di Menfi tutta!  
E a te, mia dolce Aida,  
Tornar di lauri cinto...  
Dirti: per te ho pugnato, per to ho vinto!*

*Celeste Aida, forma divina.  
Mistico serto di luce e fior,  
Del mio pensiero tu sei regina,  
Tu di mia vita sei lo splendor.*

*Il tuo bel cielo vorrei redarti,  
Le dolci brezze del patrio suol;  
Un regal certa sul crin posarti,  
Ergerti un trono vicino al sol.*

*Celeste Aida, forma divina,  
Mistico raggio di luce e fior...*

RODOLFO

Quando nas noites ao plácido  
esplendor de um céu estrelado  
em mim fixava no etéreo  
olhar enamorado,  
enquanto esta mão apertava  
com a sua pequena mão ...  
Ah! Traía-me!  
Enquanto que eu mudo, estático  
dos seus lábios suspenso,  
e ela num tom angélico,  
“só a ti amo” dizia,  
que parecia encher-se  
ou abrir-se à minha alma!  
Ah! Traía-me!

RADAMÈS

Se aquele guerreiro eu fosse!  
Se o meu sonho se tornasse realidade!...  
Um exército valente por mim conduzido...  
E a vitória... e o aplauso de toda a Mênfis!  
E a ti, minha doce Aida,  
Regressar cingido de louros...  
Dizer-te: por ti lutei, por ti venci!

Celeste Aida, forma divina.  
Mística grinalda de luz e flor,  
Do meu pensamento és a rainha,  
Tu da minha vida és o esplendor.

O teu belo céu queria devolver-te,  
As doces brisas do solo pátrio;  
Uma real grinalda sobre os cabelos pousar-te,  
Erguer-te um trono junto ao sol.

Celeste Aida, forma divina,  
Místico raio de luz e flor...

**“Ecco l'orrido campo...**

**Ma dall'arido stelo divulsa”**

AMELIA

*Ecco l'orrido campo ove s'accoppia  
Al delitto la morte!  
Ecco là le colonne...  
La pianta è là, verdeggia al piè. S'inoltri,  
Ah, mi si aggela il core!  
Sino il rumor de' passi miei, qui tutto  
M'empie di raccapriccio e di terrore!  
E se perir dovessi?  
Perire! ebben, tal è, s'adempia, e sia.*

*Ma dall'arido stelo divulsa  
Come avrò di mia mano quell'erba,  
E che dentro la mente convulsa  
Quell'eterea sembianza morrà,  
Che ti resta, perduto l'amor?  
Che ti resta, mio povero cor!*

*Ah! chi piange, qual forza m'arretra,  
M'attraversa la squallida via?  
Su, corraggio... e tu fatti di pietra,  
Non tradirmi, dal pianto ristà;  
O finisci di battere e muor,  
T'annienta, mio povero cor!  
Mezzanotte! — Ah, che veggio? una testa  
Di sotterra si leva... e sospira!  
Ha negli occhi il baleno dell'ira  
E m'affisa e terribile sta!  
Deh! mi reggi, m'aita, o Signor,  
Miserere d'un povero cor!*

AMELIA

Eis o medonho campo onde se une  
Ao delito a morte!  
Ali estão as colunas...  
A planta está ali, de pé verdejante. Avante,  
Ah, gela-se-me o coração!  
Até o rumor dos meus passos, aqui tudo  
Me enche de calafrios e de horror!  
E se tivesse de morrer?  
Morrer! Pois bem, assim se cumpra e seja.

Mas do árido caule arrancada  
Quando tiver em mãos essa erva,  
E dentro da mente convulsa  
Aquele etéreo semblante morrer,  
Que te resta, perdido o amor?  
Que te resta, meu pobre coração!

Ah! Quem chora? Que força me faz recuar,  
Quem se atravessa pela desolada estrada?  
Força, coragem... e tu faz-te de pedra,  
Não me traias, deixa de chorar;  
Ou pára de bater e morre,  
Aniquila-te, meu pobre coração!  
Meia-noite! — Ah, que vejo? Uma cabeça  
De debaixo da terra se levanta... e suspira!  
Tem nos olhos o faiscar da ira  
E fixa-me de forma terrível!  
Por favor! Guia-me, ajuda-me, ó Senhor,  
Tende misericórdia de um pobre coração!

**“Teco io sto. Gran Dio!”**

RICCARDO

*Teco io sto.*

AMELIA

*Gran Dio!*

RICCARDO

*Ti calma. Di che temi?*

AMELIA

*Ah mi lasciate...*

*Son la vittima che geme...*

*Il mio nome almen salvate...*

*O lo strazio ed il rossore*

*La mia vita abbatteerà.*

RICCARDO

*Io lasciarti? no, giammai:*

*Nol poss'io; chè m'arde in petto*

*Sovruman di te l'affetto.*

AMELIA

*Conte, abbiatemi pietà.*

RICCARDO

*Così parli? a chi t'adora*

*Pietà chiedi, e tremi ancora?*

*Questo core innamorato*

*L'onor tuo rispetterà.*

AMELIA

*Ma, Riccardo, io son d'altrui...*

*Dell'amico più fidato...*

RICCARDO

*Taci, Amelia...*

AMELIA

*Io son di lui,*

*Che daria la vita a te.*

RICCARDO

*Ah crudele, e mel rammemori,*

*Lo ripeti innanzi a me!*

RICCARDO

Eu estou contigo.

AMELIA

Grande Deus!

RICCARDO

Acalma-te: De que tens medo?

AMELIA

Ah deixai-me...

Sou a vítima que geme...

O meu nome ao menos salvai...

Ou o tormento e o rubor

A minha vida destruirão.

RICCARDO

Eu deixar-te? Não, jamais:

Não o posso fazer; no meu peito arde

Um sobre-humano afecto por ti.

AMELIA

Conde, tende piedade de mim.

RICCARDO

Que dizes a quem te adora?

Piedade pedes e ainda tremes?

Este coração enamorado

A tua honra respeitará.

AMELIA

Mas, Riccardo, eu sou de outro...

Do amigo mais fiel...

RICCARDO

Não digas mais, Amelia...

AMELIA

A ele pertença,

Que daria a sua vida por ti.

RICCARDO

Ah cruel, e recordas-mo,

Repetindo-o diante de mim!

*Non sai tu che se l'anima mia  
Il rimorso dilacera e rode,  
Quel suo grido non cura, non ode,  
Sin che l'empie di fremiti amor?...  
Non sai tu che di te resteria,  
Se cessasse di battere il cor!  
Quante notti ho vegliato anelante!  
Come a lungo infelice lottai!  
Quante volte dal cielo implorai  
La pietà, che tu chiedi da me! —  
Ma per questo ho potuto un istante,  
Infelice, non viver di te?*

AMELIA

*Deh soccorri tu, cielo, all'ambascia  
Di chi sta fra l'infamia e la morte;  
Tu pietoso rischiarà le porte  
Di salvezza all'errante mio piè.  
E tu va—ch'io non t'oda—mi lascia:  
Son di lui, che il suo sangue ti diè.*

RICCARDO

*La mia vita... l'universo, per un detto...*

AMELIA

*O ciel pietoso!*

RICCARDO

*Di' che m'ami...*

AMELIA

*Ah va, Riccardo!*

RICCARDO

*Un sol detto...*

AMELIA

*Ebben, sì, t'amo...*

RICCARDO

*M'ami, Amelia!*

AMELIA

*Ma tu, nobile,  
Me difendi dal mio cor!*

*Não sabes tu que se a minha alma  
O remorso dilacera e róí,  
Aquele seu grito não sente, nem ouve,  
Sem que se encha de frémitos de amor?...  
Não sabes tu que teu ficaria,  
Se cessasse de bater o coração!  
Quantas noites velei ansioso!  
Como tanto tempo, infeliz, lutei!  
Quantas vezes ao céu implorei  
A piedade que a mim tu pedes! —  
Como pude por um instante,  
Infeliz, não viver por ti?*

AMELIA

*Por favor, socorre tu, ó céu, na aflição  
Quem está entre a infâmia e a morte;  
Tu [céu] piedoso abre as portas  
Da salvação ao meu errante pé.  
E tu vai — que eu não te ouça — deixa-me:  
Sou dele, que o seu sangue te deu.*

RICCARDO

*A minha vida... o universo, por uma palavra...*

AMELIA

*Ó piedoso céu!*

RICCARDO

*Diz que me amas...*

AMELIA

*Ah vai, Riccardo!*

RICCARDO

*Uma só palavra...*

AMELIA

*Pois bem, sim, amo-te...*

RICCARDO

*Amas-me, Amélia!*

AMELIA

*Mas tu, nobre,  
Defende-me do meu coração!*

RICCARDO

*M'ami, m'ami!... oh sia distrutto  
Il rimorso, l'amicizia  
Nel mio seno: estinto tutto:  
Tutto sia fuorchè l'amor!  
Quale soave brivido  
L'acceso petto irrorar!  
Ah ch'io t'ascolti ancora  
Rispondermi così!  
Astro di queste tenebre  
A cui consacro il core:  
Irradiami d'amore,  
E più non sorga il dì!*

AMELIA

*Ahí sul funereo letto  
Ove sognava spegnerlo,  
Torna gigante in petto  
L'amor che mi ferí!  
Chè non m'è dato in seno  
A lui versar quest'anima?  
O nella morte almeno  
Addormentarmi qui?  
[la luna illumina sempre più.]  
Ahimè!*

RICCARDO

*Taci...*

RICCARDO

*Amas-me, amas-me!... oh seja destruído  
O remorso, a amizade  
No meu peito: que tudo se extinga:  
Tudo menos o amor!  
Que suave arrepio  
No aceso petto irrorar!  
Ah que eu te ouça ainda  
Responder-me assim!  
Astro destas trevas  
A quem consagro o coração:  
Irradia-me de amor,  
E que não nasça mais o dia!*

AMELIA

*Ai, no fúnebre leito  
Onde sonhava apagá-lo,  
Regressa gigante no peito  
O amor que me feriu!  
Ao meu coração não é concedido  
Consagrar-lhe esta alma?  
Ou na morte, pelo menos  
Adormecer aqui?  
[a lua torna-se cada vez mais luminosa.]  
Ai de mim!*

RICCARDO

*Silêncio...*

## Giacomo Puccini

### “In questa reggia”

TURANDOT

*In questa reggia, or son mill'anni e mille,  
Un grido disperato risonò.  
E quel grido, traverso stirpe e stirpe  
Qui nell'anima mia si rifugiò!  
Principessa Lou-Ling,  
Ava dolce e serena  
Che regnavi nel tuo cupo silenzio  
In gioia pura, e sfidasti inflessibile e sicura  
L'aspro dominio, oggi rivivi in me!*

*Pure nel tempo che ciascuno ricorda,  
Fu sgomento e terrore e rombo d'armi.  
Il regno vinto!  
E Lou-Ling, la mia ava,  
Trascinata da un uomo come te,  
Come te straniero, là nella notte atroce  
Dove si spense la sua fresca voce!*

*O Principi, che a lunghe carovane  
D'ogni parte del mondo qui venite  
A gettar la vostra sorte,  
Io vendico su voi, su voi quella purezza,  
Quel grido e quella morte!*

*Mai nessun m'avrà!  
L'orror di che l'uccise vivo nel cuor mi sta!*

*No, no! Mai nessun m'avrà!  
Ah, rinasce in me l'orgoglio di tanta purità!  
Straniero! Non tentar la fortuna!  
Gli enigmi sono tre, la morte è una!*

TURANDOT

Neste palácio, há mais de mil anos,  
Um grito desesperado ecoou.  
E aquele grito atravessou gerações  
E na minha alma se refugiou!  
Princesa Lou-Ling,  
Doce e serena antepassada  
Que reinavas no teu profundo silêncio  
Em pura alegria, e inflexível e segura  
Desafiaste o rigoroso domínio,  
hoje vives de novo em mim!

Naquele tempo que todos recordam,  
Houve desolação e terror e rugido de armas.  
O reino conquistado!  
E Lou-Ling, a minha antepassada,  
Arrastada por um homem como tu,  
Estrangeiro, naquela noite atroz  
Onde se apagou a sua fresca voz!

Ó Príncipes, que em longas caravanas  
De todo o mundo aqui vindes  
Para tentar a vossa sorte,  
Eu vingo em vós aquela pureza,  
Aquele grito e aquela morte!

Nunca ninguém me possuirá!  
O horror da sua morte vivo no meu  
coração está!

Não, não! Jamais alguém me terá!  
Ah, renasce em mim o orgulho de tanta pureza!  
Estrangeiro! Não tentes a sorte!  
Os enigmas são três, a morte é uma!

**“E lucevan le stelle”**

*E lucevan le stelle  
Ed olezzava la terra  
Stridea l'uscio dell'orto  
Ed un passo sfiorava la rena  
Entrava ella, fragrante  
Mi cadea fra le braccia  
O dolci baci, o languide carezze  
Mentr'io fremente  
Le belle forme disciogliea dai veli  
Svani per sempre  
Il sogno mio d'amore  
L'ora è fuggita  
E muoio disperato  
E non ho amato mai tanto la vita*

E reluziam as estrelas  
E odorava a terra  
Rangia a cancela da horta  
E um passo tocava ao de leve a areia  
Entrava ela, fragrante  
Caía-me entre os braços  
Ó doces beijos, ó lânguidas carícias  
Enquanto eu fremente  
As belas formas libertava dos véus  
Desvaneceu-se para sempre  
O meu sonho de amor  
A hora escapou-se  
E morro desesperado  
E nunca amei tanto a vida

**“Mario! Mario! Mario!”**

TOSCA

*Mario! Mario! Mario!*

CAVARADOSSI

*Son qui.*

TOSCA

*Perché chiuso?*

CAVARADOSSI

*Lo vuole il sagrestano.*

TOSCA

*A chi parlavi?*

CAVARADOSSI

*A te!*

TOSCA

*Altre parole bisbigliavi.*

*Ov'è?...*

CAVARADOSSI

*Chi?*

TOSCA

*Mario! Mario! Mario!*

CAVARADOSSI

*Estou aqui.*

TOSCA

*Porque estás fechado?*

CAVARADOSSI

*Assim o quer o sacristão.*

TOSCA

*Com quem falavas?*

CAVARADOSSI

*Contigo!*

TOSCA

*Outras palavras sussurravas.*

*Onde está?...*

CAVARADOSSI

*Quem?*



TOSCA

*Colei!... Quella donna!  
Ho udito i lesti  
passi e un fruscio di vesti...*

CAVARADOSSI

*Sogni!*

TOSCA

*Lo neghi?*

CAVARADOSSI

*Lo nego e t'amo!*

TOSCA

*Oh! Innanzi la Madonna.  
No, Mario mio!  
Lascia pria che la preghi,  
che l'infiori.*

*Ora stammi a sentir;  
stasera canto,  
ma è spettacolo breve.  
Tu m'aspetti sull'uscio della scena  
e alla tua villa andiam soli, soletti.*

CAVARADOSSI

*Stasera?*

TOSCA

*È luna piena  
e il notturno effluvio floreal  
inebria il cor. Non sei contento?*

CAVARADOSSI

*Tanto!*

TOSCA

*Tornalo a dir!*

CAVARADOSSI

*Tanto!*

TOSCA

*Aquela!... Aquela mulher!  
Ouvi os ágeis passos  
e um roçar de vestes...*

CAVARADOSSI

*Sonhas!*

TOSCA

*Nega-lo?*

CAVARADOSSI

*Nego-o e amo-te!*

TOSCA

*Oh! Diante de Nossa Senhora.  
Não, meu querido Mario!  
Deixa-me primeiro rezar-lhe,  
enchê-la de flores.*

*Agora ouve-me com atenção;  
esta noite canto,  
mas é espectáculo breve.  
Aguarda-me à saída da cena  
e vamos para tua casa, sós.*

CAVARADOSSI

*Esta noite?*

TOSCA

*Está lua cheia  
e a nocturna emanação das flores  
inebria o coração. Não estás feliz?*

CAVARADOSSI

*Muito!*

TOSCA

*Volta a dizê-lo!*

CAVARADOSSI

*Muito!*

TOSCA

*Lo dici male. Lo dici male.  
Non la sospiri, la nostra casetta  
che tutta ascosa nel verde ci aspetta?  
Nido a noi sacro, ignoto al mondo inter,  
pien d'amore e di mister?  
Al tuo fianco sentire  
per le silenziose  
stellate ombre, salir  
le voci delle cose!  
Dai boschi e dai roveti,  
dall'arse erbe, dall'imo  
dei franti sepolcreti  
odorosi di timo,  
la notte escon bisbigli  
di minuscoli amori  
e perfidi consigli  
che ammolliscono i cuori.  
Fiorite, o campi immensi, palpitate,  
aure marine, nel lunare albor.  
Ah... piovete voluttà,  
volte stellate!  
Arde in Tosca un folle amor!*

CAVARADOSSI

*Ah! M'avvinci nei tuoi lacci, mia sirena...*

TOSCA

*Arde a Tosca nel sangue il folle amor!*

CAVARADOSSI

*Mia sirena, verrò!*

TOSCA

*O mio amore!*

CAVARADOSSI

*Or lasciami al lavoro.*

TOSCA

*Mi discacci?*

CAVARADOSSI

*Urge l'opra, lo sai.*

TOSCA

*Estás a dizê-lo mal.  
Não suspiras pela nossa casinha  
que escondida no verde, nos aguarda?  
O nosso ninho sagrado, ignoto ao mundo inteiro,  
cheio de amor e de mistério?  
A teu lado sentir  
pelas silenciosas e  
estreladas sombras, subir  
as vozes das coisas!  
Dos bosques e dos carvalhos,  
das secas ervas, do imo  
dos quebrados sepulcrários  
odorantes de tomilho,  
saem à noite murmúrios  
de minúsculos amores  
e pérfidos conselhos  
que suavizam os corações.  
Florescei, ó campos imensos, palpitaí,  
auras marinhas, no lunar alvor.  
Ah... chovei voluptuosidade,  
abóbadas estreladas!  
Arde em Tosca um louco amor!*

CAVARADOSSI

*Ah! Prendes-me nos teus laços, minha sereia...*

TOSCA

*Arde no sangue de Tosca o louco amor!*

CAVARADOSSI

*Minha sereia, irei!*

TOSCA

*Ó meu amor!*

CAVARADOSSI

*Agora deixa-me trabalhar.*

TOSCA

*Expulsas-me?*

CAVARADOSSI

*A obra é urgente, bem sabes.*

TOSCA

*Vado! Vado!*

*Chi è quella donna bionda lassù?*

CAVARADOSSI

*La Maddalena. Ti piace?*

TOSCA

*È troppo bella!*

CAVARADOSSI

*Prezioso elogio!*

TOSCA

*Ridi? Quegli occhi cilestrini già li vidi...*

CAVARADOSSI

*Ce n'è tanti pel mondo!*

TOSCA

*Aspetta... aspetta... È l'Attavanti!*

CAVARADOSSI

*Brava!*

TOSCA

*La vedi? T'ama! Tu l'ami? Tu l'ami?*

CAVARADOSSI

*Fu puro caso...*

TOSCA

*Quei passi e quel bisbiglio...*

*Ah... Qui stava pur ora!*

CAVARADOSSI

*Vien via!*

TOSCA

*Ah, la civetta! A me, a me!*

CAVARADOSSI

*La vidi ieri, ma fu puro caso...*

*A pregar qui venne...*

*Non visto la ritrassi.*

TOSCA

*Giura!*

TOSCA

*Já vou! Já vou!*

*Quem é aquela mulher loura lá em cima?*

CAVARADOSSI

*A [Maria] Madalena. Agrada-te?*

TOSCA

*É demasiado bela!*

CAVARADOSSI

*Precioso elogio!*

TOSCA

*Ris-te? Aqueles olhos azuis, já os vi ...*

CAVARADOSSI

*Há tantos pelo mundo!*

TOSCA

*Espera... espera... É a Attavanti!*

CAVARADOSSI

*Muito bem!*

TOSCA

*Vês? Ela ama-te! Tu ama-la? Tu ama-la?*

CAVARADOSSI

*Foi puro acaso...*

TOSCA

*Aqueles passos e aquele sussurrar...*

*Ah... Estava aqui ainda agora!*

CAVARADOSSI

*Vá, vai embora!*

TOSCA

*Ah, a coruja! A mim, a mim!*

CAVARADOSSI

*Vi-a ontem mas por puro acaso...*

*Veio aqui rezar...*

*Não viu que a retratei.*

TOSCA

*Jura!*

CAVARADOSSI

**Giuro!**

TOSCA

*Come mi guarda fiso!*

CAVARADOSSI

**Vien via!**

TOSCA

*Di me beffarda, ride.*

CAVARADOSSI

**Follia!**

TOSCA

*Ah, quegli occhi...*

CAVARADOSSI

*Quale occhio al mondo può star di paro  
all'ardente occhio tuo nero?*

*È qui che l'esser mio s'affisa intero,  
occhio all'amor soave, all'ira fiero...*

*Qual altro al mondo può star di paro  
all'occhio tuo nero?*

TOSCA

*Oh, come la sai bene  
l'arte di farti amare!  
Ma, falle gli occhi neri!*

CAVARADOSSI

**Mia gelosa!**

TOSCA

*Si, lo sento, ti tormento senza posa.*

CAVARADOSSI

**Mia gelosa!**

TOSCA

*Certa sono del perdono  
se tu guardi al mio dolor!*

CAVARADOSSI

*Mia Tosca idolatrada,  
ogni cosa in te mi piace —*

CAVARADOSSI

**Juro!**

TOSCA

Como me olha fixamente!

CAVARADOSSI

**Vá, vai-te embora**

TOSCA

De mim troça, ri-se.

CAVARADOSSI

**Loucura!**

TOSCA

Ah, aqueles olhos...

CAVARADOSSI

Que olhos no mundo se podem comparar  
aos teus ardentes olhos escuros?

É neles que todo o meu ser inteiro se fixa,  
olhar doce no amor, na raiva, feroz...

Que outros no mundo se podem comparar  
aos teus olhos escuros?

TOSCA

Oh, como bem conheces  
a arte de te fazeres amar!  
Mas, pinta-lhe uns olhos escuros!

CAVARADOSSI

**Minha ciumenta!**

TOSCA

Sim, lamento, atormento-te sem descanso.

CAVARADOSSI

**Minha ciumenta!**

TOSCA

Certa estou do perdão  
se tu olhares para a minha dor!

CAVARADOSSI

**Minha Tosca idolatrada,  
tudo em ti me agrada —**

*l'ira audace e lo spasimo d'amor!*

TOSCA

*Certa sono del perdono  
se tu guardi al mio dolor!  
Dilla ancora, la parola che consola...  
dilla ancora!*

CAVARADOSSI

*Mia vita, amante inquieta,  
dirò sempre, "Floria, t'amo!"  
Ah! l'alma acquieta,  
sempre "t'amo!" ti dirò!*

TOSCA

*Dio! Quante peccata!  
M'hai tutta spettinata.*

CAVARADOSSI

*Or va, lasciami!*

TOSCA

*Tu fino a stasera stai fermo al lavoro.  
E mi prometti: sia caso o fortuna,  
sia treccia bionda o bruna,  
a pregar non verrà donna nessuna?*

CAVARADOSSI

*Lo giuro, amore! Va!*

TOSCA

*Quanto m'affretti!*

CAVARADOSSI

*Ancora?*

TOSCA

*No, perdona!*

CAVARADOSSI

*Davanti alla Madonna?*

TOSCA

*È tanto buona!..  
Ma falle gli occhi neri!*

a ira audaz e o espasmo de amor!

TOSCA

Certa estou do perdão  
se tu olhares para a minha dor!  
Di-la de novo, a palavra que consola...  
di-la de novo!

CAVARADOSSI

Minha vida, amante inquieta,  
direi sempre, "Floria, amo-te!"  
Ah! A alma tranquiliza,  
sempre "amo-te!" te direi!

TOSCA

Deus! Quantos pecados!  
Deixaste-me toda despenhada.

CAVARADOSSI

Agora vai, deixa-me!

TOSCA

Tu até logo, fica aqui a trabalhar.  
E promete-me: seja acaso ou sorte,  
seja trança loura ou morena,  
a rezar não virá aqui mulher alguma?

CAVARADOSSI

Juro-o, amor! Vai!

TOSCA

Quanto me apressas!

CAVARADOSSI

Outra vez?

TOSCA

Não, perdoa!

CAVARADOSSI

Diante de Nossa Senhora?

TOSCA

É tão bonita!..  
Mas pinta-lhe os olhos escuros!

TRADUÇÕES: CRISTINA GUIMARÃES

## Martin André direcção musical

Martin André apresenta-se com igual à-vontade nos teatros de ópera e nas salas de concerto de todo o mundo. Prossegue com afinco o trabalho com o Artisti con Brio, formação que fundou e que apresenta projectos especiais em toda a Europa.

Depois de estudar violino e piano na Yehudi Menuhin School, prosseguiu os estudos musicais na Universidade de Cambridge e estreou-se profissionalmente a dirigir *Aida* na Ópera Nacional de Gales, em 1982. Tem trabalhado regularmente em países como Áustria, Canadá, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Israel, Itália, Nova Zelândia, Portugal, África do Sul e EUA.

Tem um repertório de ópera vasto, mas é particularmente conhecido pelas suas interpretações de Janáček, Verdi e Mozart. É um dos raros maestros que dirigiu todas as principais companhias de ópera britânicas, apresentando obras como *Un ballo in maschera* (Royal Opera House) e as estreias britânicas de *Cornet Christoph Rilke* de Matthus e *The Makropoulus Case* (Glyndebourne Touring Opera). Dirigiu ainda obras de Lehár, Mozart e Janáček (Ópera Escocesa), Prokofieff, e ainda a estreia mundial de *Bakxai* de John Buller na English National Opera. Com a Opera North, dirigiu produções com música de Falla, Gounod, Janáček, Lehár, Martinů, Puccini, Rachmaninoff, Ravel e Verdi. Em 2000 dirigiu uma transmissão em directo de *As Bodas de Fígaro* para a BBC. No festival Garsington Opera, dirigiu óperas de Stravinski, Martinů, Mozart e Humperdinck. Foi Director Musical da English Touring Opera entre 1993 e 1996.

No domínio da música sinfónica, o seu repertório é também extenso e variado, destacando-se particularmente as obras de Mozart, Nielsen,

Chostakovitch e Tchaikovski. Desenvolve relações especialmente duradouras com a Sinfónica de Limburgo (Holanda), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e o Collegium Musicum Bergen (Noruega). Trabalhou com muitas das principais orquestras britânicas e de países como Austrália, Israel, México, Holanda, Noruega e Portugal.

Martin André tem um interesse particular em ajudar a nova geração de músicos, especialmente maestros. Tem uma relação próxima com o Royal College of Music (Londres), onde criou um Programa de Treino de Repertório Orquestral. Em 2006, fundou a orquestra portuguesa de jovens Momentum Perpetuum, que dirigiu durante cinco anos e com a qual fez uma digressão a Itália.

Entre 2010 e 2013, foi Director Artístico do Teatro Nacional de São Carlos em Lisboa. Como tal, foi Director Executivo de duas das maiores instituições portuguesas: a Ópera Nacional e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Para além das funções executivas, dirigiu várias produções entre as quais uma trilogia de *La traviata*, *Il trovatore* e *Rigoletto* para comemorar o Bicentenário de Verdi em 2013. Com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigiu a integral das Sinfonias de Mozart e outras grandes obras sinfónicas e corais.

Desenvolveu depois dois grandes projectos na Dinamarca com as óperas *Lucia di Lammermoor* e *L'amico Fritz* para a Den Jyske Opera, tendo dirigindo 5 orquestras diferentes na digressão nacional das produções. Com a Sinfónica da BBC e os BBC Singers, fez a estreia mundial de *A Christmas Carol* de Neil Brand. Dirigiu também a Orquestra Sinfónica de Banguecoque.

## Daniela Schillaci soprano

Diplomada em canto pelo Conservatório Vincenzo Bellini de Catânia com a classificação máxima, Daniela Schillaci ganhou o prémio de melhor cantor jovem no Concurso Giuseppe Di Stefano de Trapani, em 1998. De imediato iniciou uma brilhante carreira com a interpretação das obras *Così fan tutte* em Savona; *Werther* em Spoleto; *Un ballo in maschera* em Veneza e Catânia; *Falstaff* em Lisboa (no papel de Nannetta) e em Xangai (como Alice), naquela que foi a primeira audição desta ópera na China; *La sonnambula* em Roma, Messina e Palermo; *Il cappello di paglia di Firenze* em Messina e Lausanne; *Turandot* em Seul; *I lombardi alla prima crociata* em Florença; *Ariane et Barbe-bleu*, *Thaïs* e *Peter Grimes* em Turim, *Elektra* e *Die Frau ohne scharfen* em Florença; *La Bohème* (Mimi e Musetta) em Roma, Florença, Trieste, Messina, Veneza, Bari, Düsseldorf, Essen, Ekaterinburg, Catânia, Sassari; *Il telefono di Menotti* em Catânia; *La serva padrona* em Florença e Roma; *La Traviata* em Messina, Trapani, Catânia, Palermo, Ekaterinburg, Lisboa; *Norma* (Adalgisa e Norma) em Catânia, Taormina, Cagliari, Sevilha e Rovigo; *Don Giovanni* (Donna Elvira) em Ekaterinburg, em Turim e na Arena de Verona com direcção cénica de Zeffirelli; *Aida* em Ekaterinburg e Taormina; *I pagliacci* em Krasnoyarsk, Catânia e Xangai; *Il dottor Zhivago* (Lara), *Le villi* e *Gli zingari* de Leoncavallo em São Petersburgo; *A Viúva Alegre* em Verona (no papel de Valencienne) e Turim, Padova, Bassano e Rovigo (como Hanna Glawari); *Stiffelio* em Catânia; *Il Trovatore* em Cagliari; *La Straniera* de Bellini para a inauguração da temporada do Teatro Bellini de Catânia.

Colaborou com renomados maestros tais como Roberto Abbado, Daniel Oren, Gianpaolo

Bisanti, Roberto Gianola, Julian Kovatchev, Alain Lombard, Fabio Mastrangelo, Zubin Mehta, Gianandrea Noseda, Plácido Domingo, Seiji Ozawa, Yutaka Sado, Maurizio Benini, Donato Renzetti, Paolo Arrivabeni e Nello Santi; e com encenadores como Robert Carsen, Paul Curran, Willy Decker, Hugo De Ana, Francesco Esposito, Daniele Abbado, Yannis Kokkos, Stefano Podda e Franco Zeffirelli.

Desenvolve uma intensa actividade concertística que a fez participar na noite de gala *La corona di pietra*, na Arena de Verona, ao lado de Plácido Domingo. Participou também em várias galas no Mariinski de São Petersburgo sob a direcção do maestro Fabio Mastrangelo. Gravou *Socrate immaginario* de Paisiello para a editora Bongiovanni.

Entre os seus compromissos recentes e futuros inclui-se: *Madama Butterfly* em Cagliari e Spalato; *Messa da Requiem*, *Nabucco*, *La Forza del destino*, *Aida*, *Il Trovatore* e *Norma* em Spalato; *La Traviata* e *Carmen* em Catânia; *Norma* em Rennes; *Jerusalem* em Mosca; *Attila* e *Macbeth* em Cagliari; e *Marcella* de Giordano em Foggia.

## Angelos Samartzis tenor

O tenor grego Angelos Samartzis nasceu em Atenas e cresceu em Rhodes. Estudou música no Conservatório de Atenas, frequentando paralelamente o curso de Direito na universidade da mesma cidade. Prosseguiu os estudos na Universidade de Música de Karlsruhe, com Stephan Kohlenberg e Julia Varady, e concluiu um mestrado na Universidade de Música Hanns Eisler, em Berlim, nas classes de Stephan Rügamer, Julia Varady e Peter Berne.

Estreou-se em ópera com o papel-título de *Les Contes d'Hoffmann*, em Bad Orb. Cantou na bem-sucedida produção *The Spanish Night with Carmen Zarzuela Show* da Ópera de Wrocław, encenada no Estádio de Miejski e transmitida internacionalmente. De seguida interpretou o papel de Cavaradossi (*Tosca* de Puccini) no Festival Schloss Rheinsberg. Integrou os ensembles do Theater Nordhausen e do Saarländisches Staatstheater (Saarbrücken), tendo cantado os papéis principais de tenor nas duas companhias. Apresentou-se como Gustavo (*Un ballo in maschera*) e Don Jose (*Carmen*); nos papéis-título de *Don Carlo* e *Fausto*; como Camille de Rosillon (*Die Lustige Witwe*), Jason (*Medée*), Jornalista (*Das Schwarze Wasser*), Ismaele (*Nabucco*), Giraffier (*Les Deux Aveugles*), Javier (*Luisa Fernanda*), Narraboth (*Salome*), Alfredo (*La Traviata*), Rodolphe (*Guillaume Tell*), Lacouf (*Les Mamelles de Tiresia*), Chateaufort (*Zar und Zimmermann*) e Tony (*West Side Story*). Fez uma estreia bem-sucedida como Rodolfo (*La bohème*) com a Ópera Nacional Grega, na Fundação Cultural Stavros Niarchos em Atenas, com encenação de Graham Vick. Recentemente, no Saarländisches Staatstheater, em Saarbrücken, recebeu a aclamação da

crítica pela estreia no papel de Manrico, em *Il trovatore*.

É convidado para se apresentar regularmente em concertos e galas de ópera com diversas orquestras entre as quais a Orquestra do Estado de Brandeburgo (Frankfurt), as Filarmónicas de Thuringian e Vogtland, a Sinfónica de Brandeburgo, a LOH-Orchester Sondershausen, a Orquestra Estatal de Solothurn, a Orquestra da Ópera do Castelo de Stettin e a Filarmónica de Czestochowa (Polónia). Foi tenor solista na Nona Sinfonia de Beethoven (Teatro Nordhausen) e no *Te Deum* de Bruckner (Filarmónica de Luxemburgo). Tem colaborado com inúmeros maestros e encenadores reputados.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, interpreta a integral das sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei, Pedro Amaral e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e

Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017) e Harrison Birtwistle (2020), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

**Violino I**

Martyn Jackson  
Álvaro Pereira  
Radu Ungureanu  
Roumiana Badeva  
Tünde Hadadi  
Vadim Feldblioum  
Andras Burai  
Alan Guimarães

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Karolina Andrzejczak  
José Paulo Jesus  
Mariana Costa  
Pedro Rocha  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev

**Viola**

Mateusz Stasto  
Alexander Znamenskiy  
Hazel Veitch  
Francisco Moreira  
Biliana Chamlieva  
Emília Alves

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Michal Kiska  
Sharon Kinder  
Aaron Choi

**Contrabaixo**

Rui Rodrigues  
Joel Azevedo  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Tamás Bartók  
Sofia B. Florença\*

**Clarinete**

Luís Silva  
Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner

**Trompa**

Nuno Vaz  
José Bernardo Silva  
Eddy Tauber  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Ivan Crespo  
Luís Granjo

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Nuno Martins

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Nuno Simões

**Harpa**

Ilaria Vivan

\*instrumentistas convidados



APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

